

Exposição

Algumas Histórias

30.01 \ 2026
20.06 \ 2026

Vasco Araújo

Inauguração

29.01 \ 2026

— 00



Fundação Leal Rios

www.lealriosfoundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL

T \ +351 218 822 573
I \ @fundacaolealrios
E \ contact@lealriosfoundation.com

EXP029\FS.1\FLR

Algumas Histórias

Vasco Araújo

30.01 \²⁶ — 20.06 \²⁶

— PT —

Vasco Araújo: Contar Histórias, Refazer o Mundo

Texto de José Bértolo

Numa entrevista recente a Vera Appleton, Vasco Araújo afirma:

A realidade não existe. Aquilo que nós chamamos realidade é uma construção teórica, e prática, obviamente, para que nos entendamos todos. Não é? Nós falamos uma língua... É um código para nos entendermos... Porque tudo é uma encenação. A realidade é uma encenação. Ela é falsa. Ela é completamente construída. Interessa-me sempre essas coisas para perceber como é que nós construímos a nossa identidade, como é que nos construímos enquanto seres humanos. Como é que nós agimos enquanto seres humanos, na sociedade, uns com os outros.

Com o desassombramento e o *panache* que lhe conhecemos, o artista sintetiza, em poucas palavras, uma porção significativa do substrato filosófico da sua obra. Para Araújo, a realidade é como que um sistema e uma rede de convenções, de linguagens, de rituais, que nos permitem coexistir e entender coletivamente. Tudo é alvo de mediação e representação. Este carácter encenado da experiência — experiência que, por sua vez, estrutura as identidades humanas — é explicitado, em reflexo, na tematização do teatro, da ópera, da performance, da citação e da alusão a textos pré-existentis.

Tudo, na obra de Araújo, converge para a vertente eminentemente simbólica da vida. Sem denegar por completo a dimensão fenomenológica da realidade humana, a obra do artista sublima o discurso como a arena em que os mundos dos humanos se fazem e refazem constantemente. A haver verdade, ela existe sobretudo em acto. O “fundo” do real está nas “formas” em que ele se cumpre.

Em *Insula* (2010), um dos trabalhos mais profundamente reflexivos de Vasco Araújo, diz-se, precisamente: “A verdade não é descoberta. É criada”. O que está em causa, em quase toda a obra do artista, é uma ideia de realidade e uma ideia de arte que são, na verdade, indestrutíveis. Uma ideia de realidade e uma ideia de arte (portanto, uma *poética*) que radicam na ficção, na criação, na potência, e não numa relação mimética com os pressupostos e as coordenadas habituais da representação do mundo.

Se a tradição romanesca — ultimada na ópera, a primeira paixão de Vasco Araújo —, e, depois, o teatro de matriz humanista (“Ser ou não ser?, eis a questão” é uma frase que este artista, com uma obra intitulada *Hamlet* [2004], por vezes recupera), nos ensinaram que a vida, e o Humano, se fazem de histórias que são vividas por personagens que são também um tanto de autoras de si mesmas e das suas histórias, e que essas personagens-autoras somos cada um de

nós, a modernidade trouxe essa consciência aguda para dentro da própria arte, ao tematizá-la com insistência. Com efeito, a obra de Vasco Araújo poderia sintetizar-se assim: uma exploração artística da condição humana, de como o ser humano constrói a (ou “uma”) realidade, vivendo e contando as histórias que constroem essa realidade e construindo-se também a si (a sua identidade singular e a identidade dos colectivos a que pertence) no processo.

O método que o artista usa para explorar estas ideias recai amiúde na criação de ficções. De facto, Vasco Araújo é um artista-storyteller cujas obras são uma encenação do acto de narrar. Mais do que isso, estas são obras que revelam o potencial que o acto de narrar contém tanto para ajudar a fazer sentido do mundo e da existência quanto para enxertar no mundo e na existência sentidos novos e inesperados. Interessante-lhe, sobretudo, tirar a medida do que as novas histórias devem às ancestrais, o que é o mesmo que dizer: ver como os humanos modernos devem muito aos antigos. O mundo de Vasco Araújo é o do eterno retorno de episódios, caracteres, gestos. Mas não propriamente

enquanto historiador ou teórico: o que particulariza o seu contributo é o facto de as histórias que ele conta serem aquelas que não só o fascinam, mas que são também a matéria que o anima, as histórias que constituem a sua mundividência, o seu imaginário, os seus sonhos, o diagnóstico que faz do passado, do mundo de hoje, das estruturas sociais, políticas, psicológicas.

Vasco Araújo é uma espécie de aedo contemporâneo que, tendo lido o seu Walter Benjamin, se empenha — cada vez mais contra-intuitivamente, à medida que o século avança — em contrariar o diagnóstico do alemão de que “a arte de narrar está em extinção”, e que esta arte pode sobreviver em plena era da pós-informação e da pós-verdade. Que as histórias ainda podem (e, cada vez mais: *devem*) encantar-nos e inquietar-nos. Porque as obras de Vasco Araújo são histórias, é certo, mas são, ainda, a reivindicação (pessoal e política) da possibilidade e do dever de continuar a narrar, uma forma privilegiada de potenciar encontros, criando uma verdadeira “comunidade de ouvintes” que podem, na partilha, sonhar novos “modelos do devir do mundo” (Benjamin).



1 \ *Todas as Histórias*, 2018

Vasco Araújo, Instalação vídeo. Vídeo, ecrã, mesa de projector, 4 cadeiras.
Video 16/9, Duração 17'39", Dimensões variáveis.
© Cortesia Galeria Francisco Fino, 2026



2 \ Eco, 2008, Vasco Araújo, Video 16/9, Duração 12'18", Dimensões variáveis.
© FLR - Fundação Leal Rios, 2026

As “algumas histórias” que dão forma a esta exposição devem ser perspectivadas na medida do próprio título da mostra. Não há aqui qualquer pretensão de totalidade. E uma coligação de dispersos adequa-se particularmente a uma obra que assenta na ficção, justamente porque acolhe a multiplicidade, resistindo à tentação de narrativas globais: acima de tudo, espelha o princípio da poética de Araújo, que se funda na montagem de ecos e na criação de uma constelação feita de pequenos pontos que, por sua vez, têm também a sua autonomia.

Este princípio encontra-se no próprio projecto expositivo. Ocupando todo o piso térreo da Fundação Leal Rios, os vídeos distribuem-se por quatro salas contíguas, sem portas que as separem. Por conseguinte, a luz das diferentes projecções atravessa o espaço, viajando entre as divisões e permitindo que os filmes se *toquem* uns aos outros por intermédio da mesma luz que é, afinal, a sua matéria última. O som — que, sendo o veículo da música, da voz, do texto, é um elemento sempre importante em Vasco Araújo — transita de igual modo entre salas, acabando por se cruzar. Quando um espectador está a ver e a ouvir um determinado filme, está também, inevitavelmente, a ver e a ouvir os restantes filmes em simultâneo, sendo forçado ao exercício da atenção (Vasco Araújo não é, manifestamente, um artista para os desatentos).

Explorando porosidades e contaminações, a dinâmica expositiva reflecte, assim, a polifonia característica da obra de Araújo, a ideia central de que cada obra, sendo autónoma, funciona em rede (que é outro termo para a metáfora da constelação, atrás convocada), e é uma eflorescência proveniente de um mesmo núcleo duro — a mente de Vasco Araújo — em que tudo comunica.

Interessantemente, a heterogeneidade do conjunto dado a ver nesta exposição reflecte algumas das linhas dominantes da obra do artista.

Hereditas (2006) é o conto de fadas do grupo, e é provavelmente o caso emblemático de uma vertente lírica, onírica, não discursiva, que, ainda que raras vezes se apresente como dominante, permeia toda a obra de Araújo. Entre o gótico e o surrealista, é um filme silencioso (como os sonhos) de crianças perdidas na floresta, casas assombradas, esqueletos que resistem à reconstituição...

Eco (2008) dá voz a uma outra linha — desta feita, mais dominante —, auto-inquiridora ou narcísica (Narciso e os seus ecos-reflexos viriam a surgir em *Pathosformel* [2021]). Trata-se de um conto filosófico. Vasco Araújo empresta a voz a diversas personagens sentadas em torno de uma mesa, cada uma delas uma espécie de eflorescência do artista. Elas conversam, ou Araújo conversa consigo mesmo através delas, sobre algumas das questões que, sendo centrais à prática re-

flexiva do artista, são também identificáveis, não sem (triste) ironia, como “grandes questões” filosóficas da humanidade. De forma quase programática, a criança (e a infância, note-se, é um dos motivos comuns aos vários filmes aqui reunidos) lança as perguntas: o que é a realidade? O que é o ritmo? O que é o instinto? O que é o fazer? O que é o eco? O que é amar?...

Hipólito (2003) é o conto político, de contornos alegóricos. A imagem e o texto surgem num instigante jogo de (dis)junção: no som, ouvimos de *Hipólito*, de Eurípides, apenas as falas do herói trágico, que, isoladas, nos convidam a questionar o seu estatuto de herói; a imagem, por sua vez, dá a ver um estranho jogo de sedução (ou será apenas uma brincadeira inocente?) entre um rapaz e uma rapariga, ambos vestidos com a farda da mocidade portuguesa. É uma das peças mais desarmantes de Vasco Araújo, que nos convida a pensar sobre as tensões e os jogos de poder entre membros de uma mesma comunidade, sobre o desejo e o predomínio das paixões sobre a razão que pode pôr em causa

a estabilidade da pólis (parece ter sido sobretudo isto que interessou a Racine na recuperação do mito, na sua *Fedra* escrita em pleno século XVII), sobre o masculino e o feminino, e sobre o modo como os mitos são reapropriados e desrespeitados ao longo da história. Disto são exemplo, aqui, os abusos dos regimes fascistas e a apropriação dos heróis clássicos como paradigmas de masculinidade, força e poder, rasurando assim, voluntariamente, as complexidades e falhas de carácter que existiam, aliás, nos mitos de partida.

Por fim, “Todas as Histórias” é o conto meta-ficcional, representante de um sopro épico que atravessa toda a obra de Araújo. É o filme que dá forma visível à linha de reflexão que aqui procurei desenvolver em torno da obra singular deste artista. Trata-se de uma espécie de aula de história da arte e da literatura, em pleno British Museum, estruturada a partir de objectos de cerâmica grega. Apresenta-nos, em suma, uma reflexão sobre, e com, o património das narrativas clássicas, mas também sobre a história da



3 \ *Hipólito*, 2003

Vasco Araújo

Vídeo 4/3

Duração: 15' 16" Loop

Narrador: José Costa Ideias.

Texto: Excerto da tragédia de

Eurípides, “*Hipólito*”

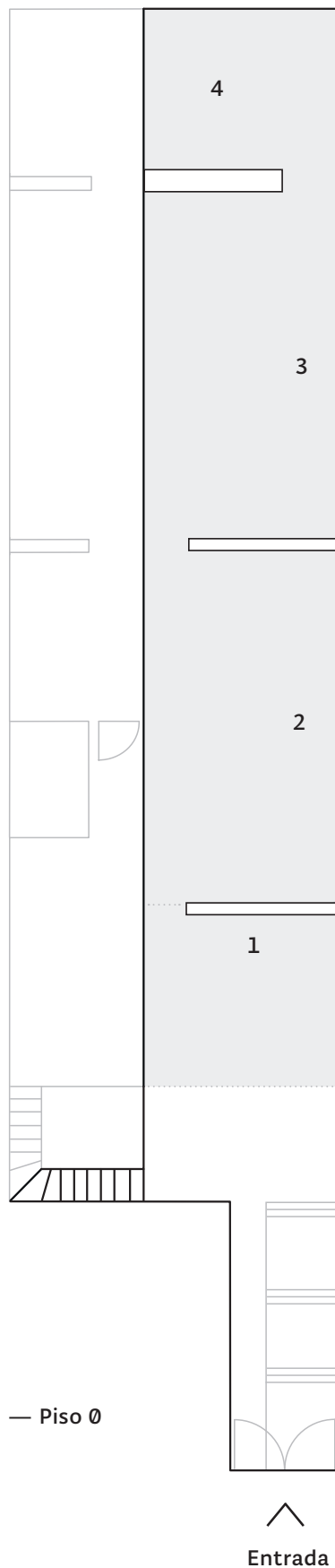
Dimensões variáveis.

© FLR - Fundação Leal Rios, 2026

humanidade, a memória dessa história, e o ser humano como “coisa” trans-histórica. Como se Édipo, Hipólito, Narciso, entre tantos outros, fôssemos também nós. E eles são-no, certamente, como bem sabe qualquer entusiasta da obra de Vasco Araújo...

Não se pense, porém, que *Todas as Histórias* é um filme sobre a ficção, e o humano, enquanto meros esquemas combinatórios de gestos. A reflexividade, enquanto processo, está longe de estar no centro. Nesse sentido, Araújo é pós-Calvino. Na qualidade de *storyteller*, Vasco Araújo não se limita a contar histórias e a pensar sobre o lugar das histórias na tessitura do real. Importa-lhe, na senda de Benjamin, criar uma comunidade de seres humanos activos, atentos, críticos, instruídos, generosos, desassossegados, abertos. Todas as obras de Vasco Araújo procuram, como se ouve neste último filme, “conceber um princípio de perplexidade. Viver em perplexidade. Obrigando-nos a escolher sempre o caminho do conhecimento e não da ignorância”. Porque “o conhecimento é trágico, mas torna-nos a todos mais humanos”.

Legenda

**1 \ Hereditas, 2006**

Vasco Araújo

Vídeo 16/9

Participação: Joana Teixeira

Duração: 12'14"

Dimensões variáveis.

Cortesia: Galeria Francisco Fino, Lisboa

2 \ Eco, 2008

Vasco Araújo

Vídeo 16/9

Duração: 12'18"

Actores: André Gomes; André E. Teodósio; Cláudia Jardim; Diogo Bento; Gustavo Boldt; Pedro Penim.

Voz: Vasco Araújo.

Texto: Baseado na obra "*Diálogos com Luecô*" de Cesare Pavese.

Dimensões variáveis.

Coleção FLR - Fundação Leal Rios

3 \ Hipólito, 2003

Vasco Araújo

Vídeo 4/3

Duração: 15' 16" Loop

Narrador: José Costa Ideias.

Texto: Excerto da tragédia de Eurípides, "*Hipólito*"

Dimensões variáveis.

Coleção FLR - Fundação Leal Rios

4 \ Todas as Histórias, 2018

Vasco Araújo

Instalação vídeo

Vídeo, ecrã, mesa de projector, 4 cadeiras

Vídeo 16/9

Duração: 17'39"

Voz: Paula Sá Nogueira

Texto: a partir das tragédias de Ésquilo, Eurípides e Sófocles, e com citações do artigo "*Cobardia silenciosa*" de João Sousa Monteiro.

Dimensões variáveis.

Cortesia: Galeria Francisco Fino, Lisboa

— Piso 0

^
Entrada

Biografias

Vasco Araújo

Vasco Araújo, nasceu em Lisboa, em 1975, cidade onde vive e trabalha. Em 1999 concluiu a licenciatura em Escultura pela FBAUL. Entre 1999 e 2000 frequentou o Curso Avançado de Artes Plásticas da Maumaus em Lisboa. Desde então tem participado em diversas exposições individuais e colectivas tanto nacional como internacionalmente, integrando ainda programas de residências, como Récollets (2005), Paris; Core Program (2003/04), Houston. Em 2003 recebeu o Prémio EDP Novos Artistas. O seu trabalho está publicado em vários livros, catálogos e está representado em várias colecções públicas e privadas, como Art Institute Chicago (EUA); Centre Pompidou, Musée d'Art Modern (França); Museu Colecção Berardo, Arte Moderna e Contemporânea, (Portugal); Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal); Fundação de Serralves (Portugal), entre outras.

www.vascoaraujo.org

José Bértolo

José Bértolo é professor e investigador auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O seu trabalho ensaístico tem incidido sobretudo em questões de representação e materialidade na fotografia e no cinema, com especial enfoque nos casos português e japonês. É autor e organizador de diversos volumes de ensaio, entre os quais *Espectros do Cinema: João Pedro Rodrigues e Manoel de Oliveira* (2020) e *Assombrações: A Inscrição do Fantasma* (2024, com Clara Rowland). Realizou, com Pedro Alfacinha, a curadoria da exposição *Ichi-go Ichi-e: Um Momento, Um Encontro*, na Reitoria da UNL, acompanhada pelo volume *Ichi-go Ichi-e: Fotógrafos Portugueses no Japão* (2025). Como fotógrafo, é autor do livro de fotografia *Moraesu St.* (Documenta, 2024).

<https://www.josebertolo.com>

Ficha técnica

Direção

Miguel Leal Rios

Assistente de Direção

Duarte Tiago

Texto e Tradução

José Bértolo

Produção

FLR - Fundação Leal Rios

Assistentes de Produção

Caio Guedes

Ícaro Pavan

Desenho Gráfico

MIGUELRIOS_DESIGN

Produção



Fundação Leal Rios

Visitas à exposição

Quinta a Sábado
14:30h — 18:30h

Fundação Leal Rios

www.lealriosfoundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL
T \ +351 218 822 573
I \ @fundacaolealrios
E \ contact@lealriosfoundation.com

Transportes

Autocarros

717 — 731 — 735 — 745
— 750 — 755 — 767

Metro

Linha Verde (Estação: Alvalade)